

Quando o brasiliense vira gente grande, arranja um emprego razoável, casa e se separa. Não adianta fugir. Brasília é a capital do poder e isso altera radicalmente o perfil do trabalhador daqui. Do bolso ao amor. O salário médio é o maior do país — R\$ 1.047, quase cinco vezes mais do que o pior desempenho, R\$ 288, no Maranhão.

Nível salarial alto, desemprego também. Trabalhar na sede do governo federal não é coisa para amadores. A taxa de desocupados, 22,5%, está acima do percentual nacional, e se concentra em quem tem menos de quatro anos de estudo.

E, ainda que a geração autenticamente candanga deteste a fama de império do funcionalismo, os números não deixam enganos. Está aqui a maior concentração de gente empregada no serviço público — o Estado é o patrão de 26% das pessoas. Em Minas Gerais, por exemplo, não passa de 17%.

Os empregados da cidade que respira política dão expediente. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divide os estados brasileiros por cinco faixas de jornada de trabalho. O Distrito Federal está na terceira — de 40 a 44 horas semanais de labuta, bem menos do que as 49 a 60 em cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso.



“Melhor, sobra tempo para namorar”, brinca Eliana Cardoso, 36 anos. Servidora, casou com 26 e se separou aos 30. Só em 2002, os cartórios do DF registraram 11.185 casamentos e 5.614 separações. Um desempenho impressionante — para cada duas juras de amor eterno, um divórcio.

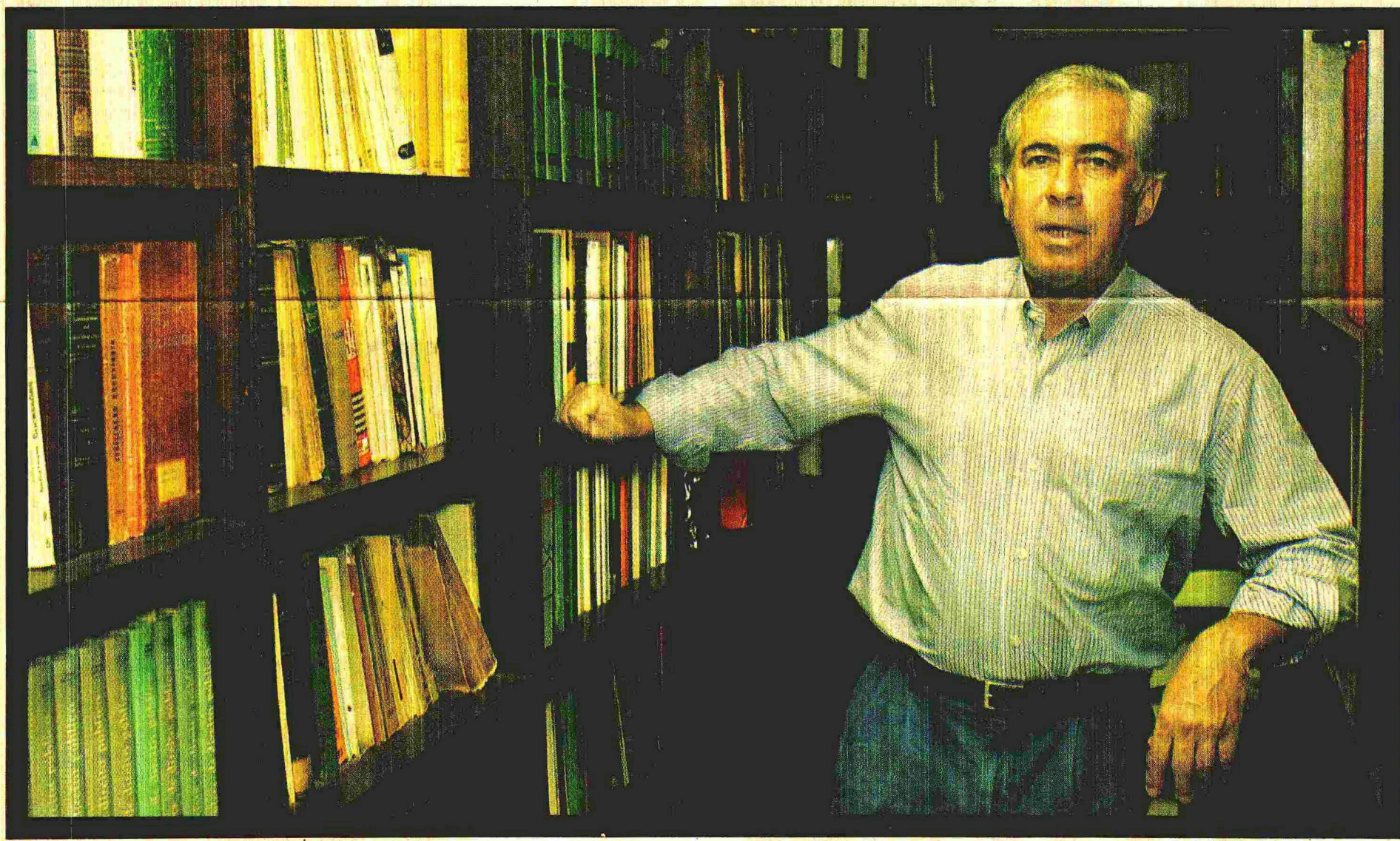
“Brasília é uma cidade moderna. As pessoas ganham bem, são independentes, não aceitam ficar casadas sem amor. Partem para outra”, resume Laura Jardim, psicóloga carioca, às vésperas de se mudar para o Planalto Central. Ela vem trabalhar no governo Lula, vai ganhar mais do que na Cidade Maravilhosa e sonha curar as feridas do divórcio — cansou das infidelidades do marido e jogou as coisas dele pela janela.

Em todo o país, são as mulheres que mais dizem basta. Cerca de 60% das separações não consensuais são pedidas por elas. Os dados são do IBGE.

Os técnicos cruzaram números de registro civil com estatísticas sociais do Censo 2000. Revelam o retrato de um país e uma cidade em mutação. Da repartição à alcova. Brasília adulta, que casa, que trabalha, que separa, que começa e recomeça, é o tema de hoje da série de reportagens que o Correio Braziliense publica até amanhã sobre viver no coração do Brasil.

Trabalhar, casar, separar...

Com a maior concentração de funcionários públicos do país, Brasília mostra como o poder altera o perfil do trabalhador e se revela como a cidade onde o amor mais desanda. Em 2002, foram 11.185 casamentos e 5.614 separações



O DEPUTADO PETISTA SIGMARINGA SEIXAS RESPIRA POLÍTICA DESDE AS 6H30, QUANDO ACORDA PARA FAZER GINÁSTICA: INTERVALOS PARA O CELULAR

ANA BEATRIZ MAGNO (TEXTO) E JOSÉ VARELLA (FOTO)

DA EQUIPE DO CORREIO

Elas estão cansadas de balela, dispensam parceiros cafajestes, preferem ficar sozinhas do que mal-acompanhadas. Abrem mão de maridos, mas não desgrudam dos filhos. As mulheres divorciadas de Brasília são mãezonas corujas. Das 4.332 separações em que os casais tinham filhos, as mulheres ficaram com a guarda das crianças em quase 75% dos casos.

É uma rotina difícil. Quando o amor desanda, os meninos costumam ser pequenos. Apenas 194 casais se separaram depois que a filha-rada passou dos 18 anos de idade. “Os meninos sofrem, mas acho que é melhor do que crescerem no meio de uma farsa”, aposta Mariana Medeiros, recém-divorciada, depois de uma década de aliança.

“Aqui pelo menos a gente não se sente sozinha. Tem muita gente separada, é uma turma inteligente, gosta de conversar, gosta de política”, contenta-se Mariana, 37 anos, petista, desiludida com Lula, mas eleitora entusiasmada do deputado Sigmaringa Seixas (PT-DF).

POLÍTICA

Ele fala com o PFL. Negocia com o PSDB. Vota com o PT. Luiz Carlos Sigmaringa Seixas, 58 anos, tem a cara da cidade que representa no Congresso Nacional. Respira política desde as 6h30, quando acorda para fazer ginástica, corre um pouco, fala ao celular. Não reclama da lida, adora o que faz, confessa que é um privilegiado.

“Não tenho problemas financeiros, moro muito bem, ganho mais do que a média dos brasileiros”, reconhece o político e advoga-

do, nascido *bicho de goiaba* em Niterói, no Rio de Janeiro, importado para a nova capital em 1964.

A pecha de que Brasília é ilha da fantasia nasceu naquela época. Para estimular as transferências para cá, o governo pagava dois salários aos funcionários, dava carro e casa.

“Era uma fantasia mesmo, mas não tinha outro jeito de atrair as pessoas”, diz o parlamentar. “O que me irrita é que muita gente que enriqueceu aqui e ganhou tudo do Estado, hoje renega a cidade. Viraram novos-ricos”.

OS ENDINHEIRADOS

Os ricos de Brasília são mais ricos do que os ricos do Brasil. A média nacional de rendimentos dos 10% mais favorecidos não passa de R\$ 2.744. No DF é quase o dobro, R\$ 4.639. Mes-

mo os endinheirados de São Paulo, campeão nacional de participação no Produto Interno Bruto, recebem em média R\$ 3.619.

Os salários do Legislativo e do Judiciário empurram a média para cima. “Mas também é mais fácil ter bons indicadores em Brasília. A cidade é pequena, visceralmente ligada ao governo federal”, analisa Paulo Albuquerque, especialista em políticas públicas.

A população de Brasília é pequenina, representa apenas 1,21% do total do país e experimenta viver num pedaço especial do Brasil. Tem o melhor índice de desenvolvimento humano (IDH), mas corre o risco de morrer precocemente. Aqui a violência mata mais que coração. Mata mais do que no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte. Mas essa triste sina é assunto do capítulo de amanhã.

Retrato de Brasília

11.185

casamentos foram registrados em 2002

3.394

homens tinham idade entre 25 e 29 anos, ao se casar. Apenas 99 colocaram a aliança com menos de 19 anos de idade

3.862

mulheres trocaram juras de amor eterno quando tinham entre 20 e 24 anos de idade, e 1.414 delas se casaram com menos de 19 anos

5.614

casais se separaram em 2002. Deles, somente 1.282 não tinham filhos

R\$ 1.047

é o rendimento médio do trabalhador em Brasília, sendo que os homens recebem em torno de R\$ 1.126 e as mulheres, R\$ 840,80. É a maior média do país

26 %

da população economicamente ativa do Distrito Federal é de funcionários públicos